

Os Pastores da Noite – um diálogo entre a geografia, a literatura e o cinema na obra de Jorge Amado

Lílian Andrade

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PINHEIRO, DJF., and SILVA, MA., orgs. *Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura* [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 184 p. ISBN 85-232-0339-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Os Pastores da Noite – um diálogo entre a geografia, a literatura e o cinema na obra de Jorge Amado

Lílian Andrade¹

Construir um diálogo entre a Geografia, a Literatura e o Cinema a partir de um romance de Jorge Amado, *Os Pastores da Noite*, com abordagem na “cidade da Bahia”, dentro de uma visão imaginária, como linguagem artística, e uma visualização real, como espaço urbano, no meu entender, é unir a geografia dos sonhos e a realidade geográfica, o erudito e o popular, o sagrado e o profano, e outros tantos extremos que a própria cidade representa.

Ao circular no sítio histórico de Salvador e seu entorno, o leitor de qualquer um dos romances de Jorge Amado, cuja trama se passe na “cidade da Bahia” (como ele costumava identificar Salvador, dentro e fora da sua obra), poderia facilmente se deparar com Dona Flor descendo o Largo do Pelourinho, de braços dados com seus dois maridos; ou com Tibéria em seu “castelo”, também no Pelourinho; ou com o bedel Pedro Arcanjo, na Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus; ou ainda com o cabo Martim, numa roda de

capoeira, na antiga rampa do Mercado Modelo. Lívia, Guma, Rosa Palmeirão, Pedro Bala, Otália, Jesuíno Galo Doido, Quincas Berro D'Água, sem falar nos capitães da areia, estavam por toda parte, a povoar a velha cidade, real ou imaginária.

Esse encontro entre leitor e personagens se dá por uma razão muito simples: os personagens de Jorge Amado foram inspirados no próprio povo baiano e, por essa razão, tomam forma, ganham vida nas páginas dos romances e, como por uma magia que a própria terra emana, fogem das páginas para os becos sombrios, ruas, esquinas, vielas, terreiros e ladeiras da velha cidade.

A história e a formação do território do pelourinho

Para compreender esse diálogo entre Geografia, Literatura e Cinema, é necessário conhecer a forma de ocupação e a formação desse território urbano, que é o Pelourinho. Quando interpretamos o texto sobre zonas de densidade e de rarefação em *O Brasil. Território e sociedade no início do século XXI*, do mestre-geógrafo Milton Santos – de saudosa e recente memória – e da autora Maria Laura Silveira, podemos compreender o que aconteceu no Pelourinho, desde o início da sua ocupação até os dias de hoje.

O território mostra diferenças de densidades quanto às coisas, aos objetos, aos homens, ao movimento das coisas, dos homens, das informações do dinheiro e também quanto às ações... Na realidade, trata-se de um verdadeiro palimpsesto, objeto de superposições contínuas e descontínuas, abrangentes ou localizadas, representativas de épocas, cujos traços tanto podem mostrar-se na atualidade como haver sido já substituídos por novas adições. (p.260).

A superposição de diferentes classes sociais em diferentes épocas, no decorrer da história, nos dá a exata idéia do palimpsesto que foi e continua sendo o Pelourinho.

No artigo “De picota a Ágora. Las transformaciones del Pelourinho” (1977) os autores Maria Auxiliadora da Silva e Délio Pinheiro afirmam que

... para percorrer os caminhos do Pelourinho se exige a construção de uma “geografia urbana retrospectiva”, que não dispensa a colaboração da história. Não se pode entender uma cidade, um bairro antigo, um lugar, se não se pode compreender seu passado. Além disso, no espaço do Pelourinho, os símbolos e significados do passado se entrecruzam com os do presente. (p.69)

O espaço urbano, que somente no século XIX veio a chamar-se Pelourinho, segundo os mesmos autores, surgiu com a primeira expansão da cidade, na segunda metade do século XVI, quando padres carmelitas calçados construíram o Convento de Nossa Senhora do Carmo fora dos limites da cidade, da paliçada, acontecendo, nesse espaço vazio, entre o Terreiro de Jesus e o Convento do Carmo, a primeira ocupação da área. Já a primeira devastação do Pelourinho aconteceu no século seguinte, com a ocupação holandesa entre 1624 e 1625. “Os holandeses queimaram e destruíram casas, incluindo o bairro do Pelourinho, para deixar espaço livre e fortificar a cidade que acabaram de tomar”.

No século XVIII, afastado o perigo holandês, a Bahia experimenta a prosperidade com o cultivo da cana-de-açúcar no Recôncavo e a exploração do ouro da Chapada Diamantina: é “a idade de ouro da cidade de Salvador”.

... a área do Pelourinho sofreu profundas transformações: as casas construídas com materiais frágeis foram substituídas por outras de melhor qualidade construtiva, mesmo se mantendo o antigo traçado das ruas. Na construção desse casario foram utilizadas as pedras de Lisboa, que chegavam como lastro dos navios, e as fachadas se decoravam com os azulejos de Portugal. Nos sobrados conviviam os Senhores de Engenho, nos andares superiores, e os escravos, no térreo. (p.78).

O poder econômico vigente imprime, pois, sua marca e faz do Pelourinho seu território.

O tronco para castigo dos escravos, instalado quase em frente à Igreja de Nossa Senhora dos Rosários dos Pretos em 1807, veio a batizar o Largo do Pelourinho, que só viu desaparecer o instrumento do castigo em 1835. Mas o nome do logradouro permaneceu, ainda que oficialmente a praça se chame José de Alencar.

Hay mucho significado invisible en el espacio visible del Pelourinho

O espaço elegante da cidade, a zona residencial de ricos e aristocratas, morada de barões e coronéis, o bairro do Pelourinho, alcançou seu apogeu durante o século XVIII, período que deixará a maior herança de sua arquitetura colonial. (p.83).

Com o declínio do ciclo da cana-de-açúcar e o fim da escravidão no Brasil, a aristocracia se empobrece. A cidade se expande no sentido Sul, em direção ao Porto da Barra. A classe abastada, agora composta de banqueiros e comerciantes, instala-se em palacetes, no Corredor da Vitória. O Pelourinho deixa de ser um bairro aristocrata, eminentemente residencial, para tornar-se uma zona mista: pequenos comerciantes e artesãos passam a residir nos andares superiores, enquanto o andar térreo dos antigos casarões passa a abrigar pontos comerciais. São novos agentes que redefinem o mesmo território.

Em seu artigo “A evolução urbana do Centro Histórico de Salvador”, a geógrafa Maria Auxiliadora da Silva nos informa que:

... no final do século XIX, no entanto, com o crescimento da cidade, surgiu uma redefinição dos espaços sociais (reestruturação urbana) e a conseqüente substituição progressiva da antiga população – pertencente à classe dominante – por outra, de poder econômico muito inferior, o que contribuiu para a decadência da área e para uma profunda alteração funcional: de zona exclusivamente residencial, tornou-se zona do setor terciário inferior ou informal. (p.260).

Entre 1880 e os primeiros anos do século XX, segundo os autores de “De picota a Ágora...”, o Pelourinho é habitado por uma elite cultural, composta de bacharéis e doutores, altos funcionários da administração pública, oficiais militares e magistrados, que ocupavam uma posição social importante na sociedade baiana. Esses mesmos moradores começam a abandonar a área a partir dos anos 20, por diversas razões, que vão desde a opção pelos novos bairros mais nobres, até o alto custo na manutenção dos velhos sobrados que, a partir de então, começam a se deteriorar. Atraída pelos baixos aluguéis, em consequência da perda do valor dos imóveis, a classe pobre se instala no Pelourinho. A degradação continua com sobrados se transformando em cortiços, castelos e pardieiros habitados por prostitutas e marginais. É nesse ambiente que perdura até a década de 90 que o jovem grapiúna Jorge Amado, então com 15 anos, bebe na fonte de sua inspiração mais realista e se instala, em 1928, em um dos casarões da rua Alfredo Brito (hoje Hotel Pelourinho) – personagem e cenário do romance *Suor*, escrito em 1934, quando o autor ainda lá residia.

A partir de 1990, informa-nos a geógrafa Maria Auxiliadora, inicia-se uma nova requalificação socioespacial, agora não mais espontânea, mas comandada pelo Governo do Estado, que estabeleceu uma política de organização espacial visando à requalificação do centro histórico, com vistas ao atendimento prioritário das demandas do turismo. Mais uma vez, novos agentes se apropriam do território, imprimindo suas marcas, agora... no Pelô. O Pelourinho de hoje é território de turistas e empresários, que imprimem novas atividades comerciais e de lazer, voltadas para os visitantes externos e as camadas média e alta da sociedade.

A figura do negro escravo transformou-se na imagem do negro *rastafari*, do “*reggae*”, do percussionista do Olodum, objeto de desejo de turistas nórdicos e louros(as). Virou moda ser negro no novo Pelourinho. Mas em que esse negro de agora se

assemelha ou se identifica com o Cabo Martim, com Pé-de-vento, Guma e tantos outros personagens amadianos? Será que o leitor de Jorge Amado ainda tem chance de encontrar, nas praças Tereza Batista, Quincas Berro D'Água ou no largo Pedro Arcanjo, esses mesmos personagens que até bem pouco tempo faziam parte dessa geografia humana do Pelourinho?

A Geografia e a Literatura

O espaço urbano da “cidade da Bahia”, na obra de Jorge Amado, transita no imaginário do escritor, percorre becos, caminha na noite da rampa do Mercado Modelo e no mar da Baía de Todos os Santos, sobe ladeiras e, inevitavelmente, chega ao Pelourinho. Tanto em sua cronologia literária quanto em seu imaginário, Jorge Amado tem o foco no Pelourinho, fonte de inspiração das suas histórias inventadas e da sua própria história, contada em “Suor”, cujo personagem central é um velho casarão na rua Alfredo Brito, habitado pelo próprio autor quando chegou das “terras do sem fim” para estudar na cidade da Bahia.

Em seu depoimento, durante o ciclo de palestras “A Bahia de Jorge Amado”, a escritora Myriam Fraga identifica o Pelourinho como

... ponto inaugural da obra de Jorge Amado, centro mítico, mandala para onde convergem ruas e praças, a geografia física e a geografia humana, arquitetura exemplar do modelo colonial e o arcabouço do amplo edifício das desigualdades sociais...

Podemos perceber que a escritora utiliza os mesmos elementos do escritor grapiúna para descrever a Bahia física e culturalmente e comprova que falar dele e de sua obra é falar da Bahia, física e culturalmente.

O professor Ordep Serra, em seu texto sobre “O sagrado na obra de Jorge Amado: a cidade de todos os santos”, pontua as três categorias de lugar em que “o mestre Jorge encarna o sagrado no

espaço da cidade amada... na geografia dos sonhos: igrejas, terreiros e castelos...” É possível observar, tanto no artigo do professor como na obra do mestre, a defesa do patrimônio histórico de Salvador, tantas vezes ameaçado e algumas vezes destruído, como ocorreu com a demolição da antiga Igreja da Sé, alvo da crítica de ambos. Mais adiante, Ordep Serra declara: “O mestre Jorge fez uma autêntica revelação de Salvador. Na verdade, ele resgatou uma cidade que suas elites cegas tentavam esconder...”. refere-se o autor aos “castelos” localizados no centro histórico e aos terreiros de candomblé na periferia da cidade, ambos identificados como “quartéis” das classes menos favorecidas e redutos contra a repressão. Em *Os Pastores da Noite*, essa luta urbana de classes é evidenciada na invasão do Morro do Mata Gato.

Muito embora a imagem real da cidade hoje – moderna e cosmopolita – não se identifique mais com o cenário dos romances de Jorge Amado (incluindo o Pelourinho, agora com seus casarões e sobrados transformados em restaurantes e butiques), paira ainda no ar qualquer coisa de mistério que nos transporta a uma época não muito distante, em que o Pelourinho era abrigo de boêmios e prostitutas e também de um povo simples, que habitava os velhos sobrados, casarões desbotados de outros tempos de luxo e pompa, de um Brasil colonialista e escravocrata, cuja herança maior, o conjunto arquitetônico colonial, lhe valeu o título de Patrimônio da Humanidade.

Os Pastores da Noite

É nesse cenário do Pelourinho da década de 60 (mais precisamente 1964, quando a obra foi escrita) que Jorge Amado nos apresenta “Os Pastores da Noite”: homens do povo, pessoas simples, fantasiadas de heróis, no imaginário do romancista. No largo do Pelourinho, no castelo de Tibéria e no candomblé de Mãe Doninha, o cabo Martim, o negro Massú, Jesuíno Galo Doido,

Pé-de-Vento e Curió circulam fazendo vibrar as noites baianas, confirmando a crença de tantos boêmios, baianos reais, que viveram as noites do Pelourinho, e despertando a curiosidade de leitores incrédulos, do outro lado do mundo, entre eles o cineasta francês Marcel Camus, que tão logo os ventos lhe sopram a favor, ruma em busca dessa Bahia mágica e feiticeira.

Em síntese, *Os Pastores da Noite* se compõe, na verdade, pela justaposição de três narrativas, que, embora entrelaçadas e brotando de um mesmo universo, podem ser degustadas separadamente. Em tela, aspectos fundamentais da existência negro-mestiça na Cidade da Bahia e seu Recôncavo. Uma existência quase sempre “lúmpen”, evoluindo entre o cais, a cachaça e o “castelo”, sob o signo e o axé dos orixás. “Mundo do Mercado, da Rampa, do Pelourinho, da Feira de Água de Meninos, das Sete Portas e dos Quinze Mistérios.” E, mais uma vez, encontramos Jorge em seu papel favorito, o de defensor das putas e dos vagabundos, celebrando os prazeres da vida e os “ritos sagrados da amizade”. Por suas páginas desfilam tipos como o Cabo Martim, rei do baralho e da picardia, e Curió, incorrigível romântico; o sábio Jesuíno Galo Doido, que vira caboclo num terreiro-de-angola; a mãe de santo Doninha; a maternal e rigorosa cafetina Tibéria; o padre Gomes, neto de um obá de Xangô; ou o aluado Pé-de-Vento, com a sua fantasia de mandar vir da França um navio abarrotado de mulatas. E são focalizados temas que vão do sincretismo religioso à solidariedade popular – “encontros e confrontos no tear em que se tece a trama diária da sobrevivência, em vista do mar azul e das noites que encalham com carregamentos de estrelas.”

O imaginário do escritor se associa ao real traçado urbano da cidade, exatamente na década em que o romance foi escrito, provocando até um certo saudosismo, por conta de uma Bahia que não mais existe. A Bahia dos saveiros na rampa do Mercado Modelo, da feira de Água de Meninos e das Sete Portas, dos bondes rasgando a avenida Vasco da Gama, das hortas e plantações de banana no fundo do vale avistado do alto da Vila América, até

“a invasão das terras do Mata Gato, além de Amaralina, por detrás da Pituba” – seria o Alto de Ubaranas? Traçando um paralelo entre a abordagem literária e os aspectos urbanos da Cidade da Bahia, constatamos que o desenvolvimento atropelou... e matou a cidade dos anos 60.

A arte revelando a geografia

Nesse mesmo cenário, onze anos mais tarde, exatamente em 1975, vamos novamente encontrar os “pastores” recriados pelo cineasta francês Marcel Camus, que reinventa, numa cidade maquiada, como a esconder as marcas do envelhecimento não tão precoce, a atmosfera mágica em que viveram os personagens de Jorge Amado. Muito embora o escritor não pontue diretamente, em sua obra, a época em que o romance acontece, subtende-se que a narrativa se passa na primeira metade do século XX, quando ainda existiam os bondes.

Passada uma década entre as duas obras – romance e filme – o Pelourinho, principal pano de fundo de ambas, pouco se modificou. É possível identificar, no filme de Camus, as mesmas feições arquitetônicas descritas por Amado, o mesmo cenário decadente e prostituído nas ruas do baixo meretrício, a exemplo do Maciel de Cima e do Maciel de Baixo.

Já em outras cenas, em outros logradouros da cidade, como o terreiro de Mãe Doninha e o Morro do Mata Gato, podemos perceber, na fotografia do filme, o imaginário do cineasta transpondo as barreiras do real urbano, em busca do cenário descrito pelo romancista.

Do ponto de vista do desenvolvimento urbano de Salvador, o espaço de tempo entre a obra literária e a cinematográfica corresponde, aproximadamente, ao período em que surgiu, na administração pública, a figura de Antonio Carlos Magalhães, primeiro como prefeito, em 1967, e logo em seguida como governador, que deflagrou

a maior revolução urbana em Salvador, que, em 1974, estava irreconhecível, como nos informa Scheinowitz, em *O Macroplanejamento da Aglomeração de Salvador*:

Reportando-nos à cidade imaginária, podemos encontrar, nessa “revolução urbana”, a razão pela qual Camus utiliza o recurso de planos fechados em muitas cenas externas, justamente para não mostrar essa transformação por que passou a cidade real.

Assim, a Vila América, ao invés de localizar-se na encosta da avenida Vasco da Gama, parece estar mais deslocada para o subúrbio, com vista para o mar da baía de Todos os Santos. O cineasta também insere o Morro do Mata Gato em uma praia da Pituba (seria real ou imaginário?). Dunas, restinga e coqueiral entram em cena para mostrar uma orla marítima que, um dia, já foi assim.

Já não existe bonde na Vasco da Gama, nem saveiros na rampa do Mercado; aliás, nem rampa existe mais. Até o terreiro de Mãe Doninha, na ficção, torna-se, na realidade, o terreiro de Mãe Mirinha do Portão, no município vizinho de Lauro de Freitas, comprovando a modificação do espaço urbano, uma vez que os chamados “terreiros” de hoje eram roças, no sentido estrito e lato, instaladas na periferia da cidade.

Entre o imaginário da obra de Jorge Amado e o de Marcel Camus, chegando ao espaço urbano real, eu ousaria dizer que até a geografia do Pelourinho existe, porque primeiro existiu no imaginário do criador.

Da literatura ao cinema e à vida real, melhor dizendo, à geografia física, cultural e humana, o Pelourinho adquire diversas feições, sem nunca perder seu traço característico mais forte, o de espaço popular. Se hoje já não vivem malandros e prostitutas em seus antigos casarões, essa população vive a rondar seu território, como à espera do momento certo para apropriar-se dele e voltar à cena. Porque a história desse espaço urbano foi escrita por seus próprios habitantes e, entre eles, o que lhe deu mais fama: Jorge Amado.

NOTAS

¹ Mestranda do Curso de Pósgraduação em Geografia da UFBA.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. *Os pastores da noite*. Rio de Janeiro: Livraria Martins, 1964. 320 p.

FRAGA, M. A cidade de Jorge Amado. In: *BAHIA a Cidade de Jorge Amado*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2000. Atas do Ciclo de Palestras “A Bahia de Jorge Amado”.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001. 471 p.

SCHEINOWITZ, A. S. *O macroplanejamento da aglomeração de Salvador*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo; EGBA, 1998. 314 p.

SERRA, O. O sagrado na obra de Jorge Amado: a cidade de todos os santos. In: *BAHIA a Cidade de Jorge Amado*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2000. Atas do Ciclo de Palestras “A Bahia de Jorge Amado”.

SILVA, M. A. da. A evolução urbana do Centro Histórico de Salvador e a preservação da continuidade funcional do bairro de Santo Antônio além do Carmo. In: VASCONCELOS, P. A.; SILVA, S. B. de M. e S. (Orgs.). *Novos estudos de geografia urbana brasileira*. Salvador: EDUFBA, 1999. p. 259-271.

_____.; PINHEIRO, D. J. F. De picota a ágora: la transformaciones del Pelourinho. *Anales de Geografía de la Universidad Complutense*, Madrid, n.7, 1977.

MATERIAL DE PESQUISA

Otália da Bahia, Os Pastores da Noite. Filme baseado no romance homônimo de Jorge Amado. Direção Marcel Camus. 1985.